**Nicolas JOUNIN**

**Michel SAMUEL**

**Livia VELPRY**

Maputo, 12 de outubro de 2016

**"Algumas lições das nossas experiências de formação em pesquisa**

**como parte do grau de licenciatura em Sociologia da UP (2011-2014 ) "**

Esta comunicação foi elaborada por três docentes-investigadores do Departamento de sociologia e antropologia da Universidade PARIS 8, Nicolas Jounin, Michel Samuel e LiviaVelpry, tendo os três uma forte implicação na formação em inquérito de terreno, junto dos estudantes de licenciatura em França e igualmente aqueles da Universidade Pedagógica em Moçambique.

Em primeiro lugar apresentaremos os princípios que orientam o tipo de formação que defendemos e implementamos, princípios que tem os seus fundamentos epistemológicos, mas sobretudo que são alimentados pelas nossas numerosas experiências pedagógicas. Esta apresentação de hoje será ilustrada com exemplos vindos das formações práticas em inquérito de terreno [[1]](#footnote-1), levadas a cabo junto de estudantes e docentes em Moçambique no quadro dum acordo de cooperação interuniversitário entre a universidade PARIS 8 e a Universidade Pedagógica.

A seguir, propomos algumas pistas para abrir o debate sobre “como estas formações poderiam ser desenvolvidas no quadro da Associação Franco-Moçambicana de Ciências Humanas e Sociais”.

Apoiamos-nos na experiência tirada das 7 missões realizadas junto das delegações de Maputo e de Nampula entre 2011 e 2014. Por razões de duração da nossa intervenção, não daremos pormenores sobre os exemplos referenciados, mas poderemos faze-lo aquando da discussão geral.

**1. Os princípios da formação prática em inquérito de terreno tal como a implementamos**

**1.1. Acompanhar os estudantes no terreno o mais rapidamente possível, apostando na sua curiosidade : o principio da imersão (“impregnação”)**

Propomos rapidamente aos estudantes à irem ao terreno para o terreno, depois de ter definido com eles temas de inquérito precisos, terem identificado terrenos acessíveis e terem dado instruções básicas para a recolha de dados. Um dos aspectos fundamentais desta pedagogia é : acompanhar os estudantes em cada fase do inquérito, em particular no terreno.

1.1.1. Definir temas de inquérito precisos e pertinentes

Para definir temas de inquérito (pertinentes e precisos), deixamos os estudantes propor temas a partir do conhecimento “concreto” que tem da vida social, das suas curiosidades, das suas interrogações. Dentro das propostas que fazem, dois critérios presidiam a escolha :

- que o tema possa ser tratado por uma abordagem qualitativa,

- que o accesso ao terreno não implique uma negociação previa.

Incentivamos também o trabalho de ajustamento dos temas de inquéritos em pequenos grupos. A discussão colectiva da pertinência e da viabilidade dos temas já constitui o inicio do inquérito. Leva os estudantes para a formulação de questionamentos e para o teste da pertinência, assim como a viabilidade do inquérito.

O tema não é necessariamente associado com uma « problematização ». Pode ser bastante largo e será refinado depois da primeira saída para o terreno.

Quando falta tempo, a definição do « tema » pode ser substituída com a designação de grupos-alvos, presentes no espaço publico, junto dos quais entrevistas e observações podem ser levadas a cabo sem negociações prévias[[2]](#footnote-2).

1.1.2. Identificar um terreno acessível

A escolha dos lugares para fazer os inquéritos adapta-se as características da formação, que sejam sessões de trabalho repetidas durante um período de varias semanas ou de estágios intensivos.

São privilegiados os lugares de inquérito de accesso fácil, que não necessitam autorizações especiais nem meios logísticos pesados, o que permite ganhar tempo e deixa numerosas opções [[3]](#footnote-3) :

- nos mercados perto do campus universitário de Napipine em Nampula, para estudar a presença das vendedoras de hortaliças,

- no bairro Luis Cabral, ao lado do campus de Lhanguene, onde vários pequenos grupos de estudantes identificaram possíveis temas para inquéritos de longa duração,

- no próprio campus universitário da delegação de Nampula para estudar a influência das condições socioeconómicas sobre a integração na vida universitária dos estudantes.

1.1.3. Dar instrucções simples

Três tipos de instrucções chegam para preparar uma primeira ida para o terreno.

- Em relação as observações : o que olhar ? o que apontar ?

- Em relação as entrevistas : evitar os interrogatórios e deixar os interlocutores desenrolar os seus discursos, privilegiando os « relances » e os pedidos de explicitação.

- Em relação a outros tipos de dados : preparar as eventuais recolhas sistemáticas ou de dados escritos existentes [[4]](#footnote-4).

Segundo o grau de familiaridade dos estudantes com as ciências sociais, estas instrucções podem ser mais ou menos desenvolvidas. Este trabalho pode ser facilitado pela existência de ferramentas elaboradas a partir de experiências pedagógicas anteriores[[5]](#footnote-5).

1.1.4. A presença dos docentes no terreno, ao lado dos estudantes

Trata-se accompanhar o máximo possível os estudantes no terreno durante as primeiras fases de recolha de dados, para presenciar as suas observações e as suas entrevistas. Isso é útil para dar conselhos no momento da recolha, para melhor identificar as dificuldades dos estudantes, para sublinhar o que é interessante reparar nas situações de inquérito de modo a fazer tomar em conta, a posteriori, dados que os estudantes ignoraram ou acharam insignificantes.

**1.2. Elaborar paulatinamente as perguntas de pesquisa e a analise dos dados, com idas regulares ao terreno**

1.2.1. Organizar uma reunião de relatório (« Débriefer ») depois da primeira saída ao terreno

No regresso da primeira visita ao terreno para a sala de aulas, animar as sessões colectivas de discussão (« debriefing ») sobre o que os estudantes aprenderam a partir das situações que observaram e das palavras que trocaram, com objectivo começar definir melhor o objecto dos seus inquéritos, formular primeiras perguntas de pesquisa e melhorar as suas técnicas de inquérito.

- Fazer os primeiros decifragens das entrevistas e observações, identificar rapidamente as falhas para ser preenchidas e as novas perguntas para abordar nas futuras entrevistas, começar a interpretação.

- retornar de novo para as instrucções iniciais : reiterar os seus conteúdos e progredir no seu uso.

1.2.2. Voltar ao terreno, munidos de acquisições da experiencia

Em cada momento, fazer um relatório e medir a progressão em relação a sessão de inquérito anterior.

1.2.3. Redigir regularmente relatórios incidindo sobre os conteúdos e os métodos

A seguir a primeira visita ao terreno e nas vezes subsequentes recomendar imediatamente a produção de relatórios. Isto implique igualmente um acompanhamento da parte dos docentes, que devem corrigir varias vezes os trabalhos dos estudantes.

**2. Balanço e perspectivas a partir das experienciais levadas a cabo**

**2.1. Benefícios pedagógicos da formação prática em inquérito de terreno.**

2.1.1. Para os estudantes de licenciatura

As principais dificuldades que encontram os estudantes são relativas à arrumação dos dados recolhidos e ao primeiro tratamento analítico dos mesmos.

Podem ser também identificados alguns problemas recorrentes, comuns a quase todos os estudantes :

- falta duma postura reflexiva

- dificuldade a situar as entrevistas e as observações numa história do inquérito

- dificuldade de representação do espaço, das escalas...

A formação prática em inquérito de terreno permite a sua progressão nestes diferentes aspectos.

- Entusiasmados, atentivos, motivados por este tipo de inquérito.

- Permite também a interiorização da maneira de pensar sociologicamente e da busca para compreender as transformações contemporâneas do seu pais

O enquadramento em pequenos grupos, até individualmente, durante todas as fases dum inquérito, permite compreender na prática o que é “produzir dados”, regista-los por escrita e classifica-los. Depois, a partir dos dados recolhidos, se pode trabalhar sobre os métodos de analise (primeiras classificações/primeira arrumação dos dados, primeiras analises, uso da bibliografia…). Este acompanhamento permite que os estudantes se apropriam do interesse dos métodos qualitativos, mesmo se são confrontados com as dificuldades do terreno ou da analise.

2.1.2. Para os estudantes que preparam um projecto de pesquisa

Poderíamos imaginar inspirar-se desta formação para atender as preocupações dos estudantes que elaboram os seus projectos de dissertação de licenciatura, de mestrado ou de tese. Os estágios intensivos correspondem mais ou menos a um inquérito exploratório ( ou pré-inquérito) que permite preparar um projecto de investigação, aliando o trabalho sobre as fontes informativas escritas (identificadas e consultadas através da internet) e bibliográficas, a recolha dos primeiros dados e a elaboração de perguntas de pesquisa [[6]](#footnote-6).

2.1.3. Para os docentes-investigadores

Os docentes que participaram nestas formações também sublinharam o beneficio que trouxeram para eles, em termos de recursos pedagógicos.

Além dos recursos pedagógicos, as formações em inquérito de terreno podem ser uma oportunidade para desenvolver a produção de conhecimentos antropológicos e sociológicos sobre Moçambique, na medida que os docentes podem enquadrar os estudantes dentro de problemáticas mais largas e na duração. Esta perspectiva necessitaria de uma verdadeira inscrição da pratica do inquérito como componente importante do curso de sociologia.

Em resumo, uma formação que necessita de poucos meios e que permite uma boa formação dos estudantes para a pesquisa.

**2.2. Quais pistas para desenvolver a formação prática em inquérito de terreno ? As melhorias ou desenvolvimentos possíveis.**

- Modificar a organização do curso de licenciatura para dar um lugar mais importante a prática do inquérito e ao enquadramento das monografias a produzir como trabalhos de fim de curso e abandonar a ideia segundo a qual unicamente a acumulação dum saber teórico enciclopédico permitiria formar bons sociólogos ou bons antropólogos. Este objectivo pressupõe reduzir o numero de cadeiras[[7]](#footnote-7) e constituir grupos de estudantes de tamanho razoável para a formação prática e o enquadramento dos primeiros trabalhos de pesquisa, tipo “oficina”.

- Desenvolver a ideia de “promoções de pesquisa”. Sendo a organização da licenciatura centrada a volta duma promoção única de estudantes que todos seguem as mesmas aulas, com o mesmo horário, seria possível imaginar uma aprendizagem unificada do trabalho de terreno durante um ano inteiro, até durante os quatro anos. Deste modo, desde o primeiro ano e durante todo o ano (ou durante os quatro anos), os estudantes teriam uma cadeira equivalente a cadeira intitulada “Pratica sócio-antropológica” (que até agora só aparece no terceiro ano). Assim cada ano os estudantes poderiam concentrar-se sobre uma temática única ou um território delimitado perto da Universidade. Inscrito na duração, este trabalho de terreno permitiria não só uma aprendizagem através da prática, mas também uma acumulação de dados e de analises, produzindo verdadeiros resultados de pesquisa que poderiam ser valorizados através de publicações.

**2.3. Quais formas de cooperação para avançar nesta direcção ?**

Para acabar, evocaremos varias formas que poderia revestir a cooperação franco-moçambicana, tendo em conta as especificidades das instituições envolvidas :

- elaboração em conjunto (docentes-investigadores franceses e moçambicanos) e publicação - dum guia prático para o inquérito de terreno ?

e/ou

- dum manual para os docentes para formar os estudantes as praticas de produção e analise dos dados ?

- participação de docentes-investigadores franceses em formações em pratica do inquérito de terreno segundo vários modos :

* realizar oficinas intensivas, de curta duração ?
* inserir docentes-investigadores franceses em projectos ou programas de pesquisa existentes para trazer uma contribuição de natureza metodológica ?
* encontrar uma forma de acompanhamento no terreno dos mestrandos ou doutorandos ?

1. Estas formações práticas tomam a forma duma semana intensiva, tendo em conta a duração das nossas missões. Mas pode se imaginar alargar essas formações em períodos mais cumpridas. Ver também na conclusão a proposta de Nicolas Jounin de « promoção de pesquisa », que permitiria « uma aprendizagem do trabalho de terreno unificada durante um ano, até durante os quatro anos do cursus » . [↑](#footnote-ref-1)
2. Os polidores de sapatos nas ruas, os consumidores de bebidas caseiras presentes nos lugares de fabricação das mesmas, os carregadores de sacos no mercado grossista de Nampula (Waresta), os vendedores de hortaliça e fruta nos passeios, os revendedores de créditos para celulares, os chamadores de passageiros “narauas”, as mulheres vendedoras de comida nas barracas... [↑](#footnote-ref-2)
3. Evidentemente, quando dispõe-se de tempo e de meios logísticos para preparar a entrada no terreno a montante, também é possível escolher sítios de inquérito que apresentam um interesse particular em relação a uma problemática em curso de definição ( por exemplo o posto administrativa de Chongoene na província de Gaza, escolhido pelos docentes de Maputo da UP). [↑](#footnote-ref-3)
4. “**1. As observações : algumas instrucções**

   - Saber localizar e descrever fisicamente os espaços observados.

   - Reconstituir os movimentos do observador durante a observação.

   - Saber o que se pretende observar : preparação através dum guião de observação.

   - Ficar aberto para registar também « situações » não previstas.

   - Saber que quem observa também é observado e assim, para evitar mal entendidos, dar ao « publico » observado explicações sobre « quem somos » e « o que estamos a fazer ».

   **2. As entrevistas : preparação**

   A tendência espontânea é preparar uma lista comprida de perguntas a colocar junto dos interlocutores, correndo o risco não o deixar falar livremente e transformar a entrevista num interrogatório.

   Se as perguntas « fechadas » (que implicam respostas curtas) valem num inquérito por questionários, cujo objectivo é a elaboração de relações quantitativas e de quadros estatísticos, não são oportunas numa entrevista de tipo qualitativo. Neste ultimo caso, devem preparar as perguntas que o investigador se coloca a si próprio num momento determinado do inquérito, utilizando se possível conceitos e termos socio-antropológicos. Estas perguntas devem ser estruturadas por temas. E dentro de cada tema, devem ser enumerados os tipos de dados que desejam recolher.

   Os temas identificados devem ser apresentados em termos simples ao interlocutor (« A Sra. pode nos falar de… ») que pode escolher os temas que vai desenvolver. E o inquiridor vai aproveitar as proprias palavras do entrevistado para pedir, a partir delas, informações mais precisas e/ou mais completas.

   Não esquecer, no inicio da entrevista, apresentar-se (« quem somos ») e apresentar o tema geral do inquérito e seu objectivo.

   **3. Os « levantamentos » : construcçâo previa dum quadro para a recolha de dados**

   Nos casos onde existem dados a registar, por exemplo a partir da consulta do ficheiro dos estudantes do segundo ano de sociologia, construir previamente um quadro de registo dos dados do ficheiro. [↑](#footnote-ref-4)
5. Por exemplo :

   - BEAUD Stéphane et WEBER Florence (2003), « Guide de l’enquête de terrain », éd. La Découverte

   - FORQUILHA Salvador (2013), « Inquérito de Terreno : E possível falar de rigor em metodologias qualitativas? Em que condições e usando que critérios? », IESE, textos para discussâo.

   - JOUNIN Nicolas (2014), « Voyage de classe » (2014), éd. La découverte

   - OLIVIER DE SARDAN Jean-Pierre (2008), “La rigueur du qualitatif. Les contraintes empiriques de l’interprétation socio-anthropologique », editora Academia-Bruylant

   - SAMUEL Michel (2011), « Formação ao inquérito e à investigação de terreno : conjunto de documentos pedagógicos para o Departamento de Antropologia e Sociologia da Universidade Pedagógica de Moçambique », multigraphié

   - SERRA Carlos (2005), « Sur le carreau : Une étude sur la précarité sociale dans trois villes du Mozambique », Dakar, CODESRIA [↑](#footnote-ref-5)
6. **A elaboração do projecto de investigação**

   Ponto de partida da elaboração do projecto de investigação :

   a partir dum tema escolhido, que pode ser estudado num grupo social numericamente limitado, que seja, se for possível, um « meio de interconhecimento », reunir elementos de informação para elaborar primeiras perguntas de pesquisa pertinentes, isto é adequadas à realidade.

   Como reunir estes elementos de informação :

   a) através dum **pré-inquérito no terreno**: primeiras observações, primeiras entrevistas, primeiros levantamentos.

   b) através de **dados informativos escritos** ou documentos publicados a encontrar : utilizando internet (« google »), na imprensa (jornais, rádio, TV), nos relatórios de instituições (INE, ministérios, direcções provinciais,…), de ONGs, de « projectos de desenvolvimento, ….

   Começar elaborar as primeiras perguntas de pesquisa que podem ser colocadas a partir destes dados informativos.

   No caso dos projectos de mestrado o de doutoramento, uma outra etapa na elaboração dum projecto de investigação é a leitura de artigos e obras científicas, que permitem ver como foi abordado cientificamente, segundo diversas perspectivas, o nosso tema de investigação por outros investigadores que trabalharam sobre assuntos idênticos ou semelhantes. O objectivo é duplo : Enriquecer o nosso próprio questionamento e situar a nossa investigação em relação a trabalhos científicos já existentes.

   As primeiras perguntas de pesquisa elaboradas nesta fase nunca são definitivas. Enriquecem-se e/ou modificam-se cada vez que novos dados (recolhidos no pré-inquérito ou nas leituras « informativas ») levantam novas perguntas. O que permite formular novas perguntas, é o facto de reflectir imediatamente sobre os dados informativos recolhidos, ao mesmo tempo que estes são registados duma forma organizada. [↑](#footnote-ref-6)
7. Isto permitiria remediar as dificuldades encontradas pelos docentes que, provavelmente por falta de tempo (por causa do numero de horas de aulas que fazem) não são suficientemente comprometidos no acompanhamento individualizado dos seus estudantes, tão aquando dos primeiros passos no terreno como na discussão dos primeiros dados recolhidos. [↑](#footnote-ref-7)